

MOREIRA; Akilas Correa ¹, CAETANO; Renato Fernandes ²

RESUMO

Introdução: Por mais de duas décadas trabalhando com protagonismo cultural na cidade de Porto Velho-RO, e estudando o aspecto sociolinguístico da Identidade Beradera como território de resistência, podemos observar que a migração do “caboco beradero” para as cidades termina por ressignificar sua origem, sua vivência e seu futuro. Assim, o objetivo deste estudo é investigar o que significa ser morador da “bera” do rio e assumir uma “Identidade Beradera”. **Metodologia:** Como referência de pesquisa acadêmica analisamos a tese de Renato Fernandes Caetano (2022): *NO BANZEIRO DAS ÁGUAS E DAS RELAÇÕES: Entre cheias e ameaças de desterritorialização – identidade, histórias e memórias de resistência da Comunidade Ribeirinha Tradicional de São Carlos, no Baixo Madeira (Porto Velho/RO)* e procuramos estabelecer a relação do ribeirinho com seu território imediato (o beradão, o rio e as comunidades). Assim, indagamos o que significa ser morador da bera do rio e assumir, na primeira pessoa e em forma de relato, a Identidade Beradera e sua ampla gama de características e práticas sociais, como pessoa do Norte do Brasil, cidadão brasileiro e do mundo: O que significa ser Beradero? **Resultados e Discussão:** Como dizia meu velho Pai (e o Pai dele, bem antes dele): “Você pode sair do Beradão, mas o Beradão nunca vai sair de você!” As características culturais ribeirinhas são transmitidas e retransmitidas pela tradição oral e podem ser identificadas em qualquer ponto da imensa rede que constitui o fator beradero: desde os curumins até sábios beraderos. Essa questão pode ser observada de forma clara no fenômeno do caboco criado na bera do rio quando se muda, ou passa certo tempo na “cidade grande”, e traz consigo toda uma gama de características que se não o definem por completo, certamente o identificam como beradero, como o modo de se vestir (combinações de vestuários únicas) e o jeito de falar (seus ditados, maneirismos, dialetos e expressões idiomáticas próprias e inusitadas). Sua fala cheia de: “Legal que só”; “Tu é doido é”; se alguém é chamado pra fazer algo de imediato, o caboco logo diz: “Na tora!”; se vai chover forte: “Lá vem um toró!”; se outro ainda comete uma contradição evidente de comportamento: “Tu é leso, é?”. Essa linguagem característica de forte tom popular nortista, cujos códigos gestuais e verbais são recebidos, entendidos e re-transmitidos pela ótica do caboco ribeirinho, é aceita como um conhecimento comum pela sociedade e por esses mesmos beraderos, quando chegam na cidade, por vezes ainda com estranheza e preconceito, e consequentes discriminações, por parte dos “defensores da língua oficial”, que por uma tendência colonial de só aceitar de verdade “o que vem de fora”. Costumam ver nessas manifestações espontâneas de linguagem sociocultural da região Norte sinais de pobreza e atraso. “Mas se tu tá pensando que caboco é abestado”, saiba que isso tem mudado. Nos atentemos para os testemunhos captados por Caetano (2022) em São Carlos (Baixo-Madeira), que ao indagar um morador sobre os graus de parentesco dos membros da comunidade, ouviu: “aqui é família! [...] tem as famílias tradicionais, a família Via Montes, a família Leite, os Ribeiros”. Logo, se existe uma contradição real é o da pessoa que vem de fora da Amazônia e vê “seu modo de ser” como cabível em nossa específica geografia física e mental. Caetano citando Baraúna menciona que a “forma como os agentes sociais territorializam” contribuem para essa identificação com o território e gera uma identidade coletiva, e deixa claro que “a identidade se torna a expressão da relação de pertencimento ao território” (Caetano, 2022) e que

¹ Faculdade Católica de Rondônia, akilas.moreira@sou.fcr.edu.br

² Faculdade Católica de Rondônia, renato@fcr.edu.br

“entre territorialidades e identidade existe uma relação simbólica” (SILVA, 2011). Ou seja, o beradero é seu território e esse território perpetua sua cultura onde quer que vá ou esteja. **Conclusão:** O caráter pejorativo do termo “beradero” vem sendo paulatinamente vencido pela aceitação crescente dos moradores da Capital, Porto Velho. Uma amostra disso é o “Bera Arraial” do Porto Velho *Shopping*; sorvete “Sabor Beradero” e festivais de música popular Beradera etc. Já é comum um pensamento da existência de um Movimento Beradero, que nada mais é do que uma elevação considerável da “auto-estima” do caboco com relação a sua própria origem e futuro. O Bera é presente, seja nas atividades políticas, sociais ou culturais de seu tempo e localidade. O Bera é seu próprio território, carrega e herda sua cultura e traz consigo os rios, as matas e igarapés, seu modo de falar, fazer, se alimentar etc., tornando sua própria identidade seu “cartão de visita” e a apresenta ao mundo, cada vez mais cosmopolita, diverso, rico no reconhecimento da dignidade e do valor da pessoa humana. Como diz o Bera: “Queira ou não queira, ao redor do mundo, tudo é beira”. Na fé e na luta, de ser sempre ele mesmo, mas nunca o mesmo, numa troca incessante. **Agradecimentos:** À FCR, à FAPERO e ao CNPq.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia, Beradero, Identidade beradera, Cultura beradera

¹ Faculdade Católica de Rondônia, akilas.moreira@sou.fcr.edu.br

² Faculdade Católica de Rondônia, renato@fcr.edu.br